

Sumário

COORDENADOR DA COLEÇÃO ESTUDOS FOUCAULTIANOS
Alfredo Veiga-Neto

CONSELHO EDITORIAL DA COLEÇÃO ESTUDOS FOUCAULTIANOS

Alfredo Veiga-Neto (UFRGS); Walter Omar Kohan (UERJ); Durval Albuquerque Jr. (UFRN);
Guilherme Castelo Branco (UFRJ); Silvio Gadelha (UFC); Jorge Larrosa (Univ. Barcelona);
Margareth Rago (Unicamp); Vera Portocarrero (UERJ)

PROJETO GRÁFICO DE CAPA E MIOLO
Diogo Droschi

CAPA

Christiane Costa
(sobre imagem de Martine Franck © Magnum Photos/LatinStock)

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Waldênia Alvarenga Santos Ataíde

REVISÃO

Alfredo Veiga-Neto

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários

30140-071 . Belo Horizonte . MG

Tel: (55 31) 3222 68 19

Telefendas: 0800 283 13 22

www.autenticaeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Para uma vida não-fascista / Margareth Rago, Alfredo Veiga-Neto, organizadores. –
Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009. – (Coleção Estudos Foucaultianos)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7526-440-9

1. Artigos filosóficos 2. Fascismo 3. Filosofia francesa 4. Foucault, Michel, 1926-1984 - Crítica e interpretação I. Rago, Margareth. II. Veiga-Neto, Alfredo. III. Série.

09-10342

CDD-194

Índices para catálogo sistemático:

1. Artigos : Filosofia francesa 194

- 9 Apresentação: Para uma vida não-fascista
Margareth Rago
Alfredo Veiga-Neto
- 13 O Currículo e seus três adversários: os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo
Alfredo Veiga-Neto
- 27 A vida como obra de arte: o sujeito como autor?
Ana Maria de Oliveira Burmester
- 35 Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo
André Duarte
- 51 Figurações de uma atitude filosófica não-fascista
Carlos José Martins
- 63 Escultura da carne: o *bem-estar* e as pedagogias totalitárias do corpo
Carmen Lúcia Soares
- 83 Dietética e conhecimento de si
Denise Bernuzzi de Sant'Anna
- 95 A Bela ou a Fera: os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia da identidade
Durval Muniz de Albuquerque Júnior
- 117 Foucault-antifascista, São Francisco de Sales-Guia e atitudes de *parresíasta*
Edson Passetti
- 135 Foucault e os estudos *queer*
Guacira Lopes Louro

(Des)educando corpos: volumes, comidas, desejos e a nova pedagogia alimentar

Maria Rita de Assis César

Os novos regimes de verdade que produzem o corpo contemporâneo são oriundos de uma multiplicidade de fontes discursivas, marcadamente originárias do discurso médico e seus derivados. Tais fontes, por sua vez, habitam lugares múltiplos de produção de subjetividades no mundo contemporâneo, como as diversas mídias, a moda, os diferentes produtos do *fitness* e da boa forma, desembocando, surpreendentemente, no desnutrido discurso escolar.

As estratégias disciplinares e biopolíticas descritas por Michel Foucault, as quais conformaram os corpos desde os primórdios da modernidade, permitiram a possibilidade de conceber um corpo que já não seria mais uma materialidade orgânica e fisiológica, tal como descrita pelo o discurso médico e biológico (FOUCAULT, 1984a; 1984b). A partir de Foucault e outros historiadores, passamos a compreender o corpo como um conjunto de práticas e saberes que o produziram em recortes específicos de tempo e espaço. Entretanto, a despeito de quase meio século da produção histórico-discursiva sobre a invenção do corpo, os regimes de verdade contemporâneos permanecem inerosos em uma cultura somática, em vista da qual os corpos ganham visibilidade e inteligibilidade em função de sua materialidade física mais primária, como o volume, a forma e a superfície. Nessa perspectiva somática, o alvo das estratégias de controle e de produção subjetiva é ainda o corpo, como também já o era na modernidade disciplinar. No entanto, o corpo contemporâneo é ainda mais plástico e maleável, pois a ele se destina um número quase infinito de intervenções visando produzi-lo como mais jovem, mais magro, mais flexível, mais leve, mais ágil, mais versátil e mais rápido.

Partindo dos próprios limites da modernidade delineados por Michel Foucault no seu projeto genealógico, podemos sugerir o aparecimento

de novos mecanismos de controle no presente, os quais, por certo, ainda incluem procedimentos disciplinares e biopolíticos, mas revisitados. O corpo que insiste em contrariar a homilia da juventude, da saúde, da boa forma e do bem estar, o corpo descrito como farto em superfície e volume, pesado e lento, é o objeto das novas modalidades de controle, da disciplina e do biopoder. Sobre esse corpo se exercem medidas a respeito de seu volume, forma e superfície na tentativa de disciplinar o desejo de comer e colocar em curso programas de exercícios para movimentá-lo por meio de uma pedagogia da boa forma, além de uma biopolítica da saúde e uma educação para a alimentação saudável.

Nessa perspectiva, os currículos escolares esvaziados e moribundos renascem nutridos por meio de intervenções que produzem a nova ortopedia alimentar nas escolas. Ao mesmo tempo em que o universo escolar é habitado pela nova pedagogia do *fitness*, ocorre também uma generalização da sintaxe pedagógica para outros campos sociais que tomam o corpo como matéria de produção material e subjetiva. A presente investigação, no entanto, não se concentra nos novos espaços pedagogizados, como academias, consultórios, revistas, *sites* e outros, mas na nova pedagogia alimentar que começa a adentrar as instituições escolares, medindo, pesando e prescrevendo condições para os corpos infantis. Criam-se assim novas hierarquias, separações e, sobretudo, novos mecanismos de exclusão e dicotomias hierárquicas entre os corpos gordos e magros, saudáveis e doentes, normais e anormais.

A modernidade, compreendida nos termos de Michel Foucault entre o final do século XVIII e o século XX, trouxe consigo um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre a educação e a produção do corpo. Se a disciplina recortou o corpo na sua individualidade para a reprodução controlada dos exercícios e a produção dos corpos dóceis, o biopoder tomou o corpo, a partir do dispositivo da sexualidade, no conjunto da população por meio dos exercícios de governo da vida. Assim como as disciplinas, o biopoder possui a função de ordenar, classificar, nomear e excluir por meio da norma, a qual, por sua vez, é o resultado das políticas de verdade sobre o corpo, sobre a população e sobre a vida (FOUCAULT, 1999).

A instituição escolar foi descrita por Michel Foucault como o paradigma moderno da disciplinarização dos corpos, desde sua universalização no decorrer dos séculos XIX e XX. Enquanto instituição disciplinar, a

escola se produziu como *locus* privilegiado da realização exaustiva dos exercícios, dos exames, das punições e recompensas centradas no corpo infantil (VEIGA-NETO, 2000). Na configuração da instituição educacional moderna, além da instrução conjugaram-se também as medidas higiênicas e alimentares, de saúde física e moral, numa verdadeira cruzada sobre os corpos infantis (DUSSEL; CARUSO, 2003). A aliança entre Estado, pedagogia e medicina colocou todos os aspectos da vida das crianças em evidência no interior da escola e as mínimas manifestações foram escrutinadas – além das aulas, as brincadeiras de pátio, a merenda, as vacinas, os exercícios físicos, a higiene corporal, tudo foi tomado como campo de intervenção e produção de verdades sobre a criança, abarcando um sistema disciplinar no qual as revistas e os exames corporais compuseram medidas centrais no processo de educação escolarizada.

No entanto, o próprio Foucault demonstrou que os limites temporais do modelo disciplinar estavam demarcados. Gilles Deleuze, seguindo as pistas de Foucault, compreendeu a crise disciplinar como uma crise nos modos de confinamento instituídos pela prisão, o hospital, a fábrica, a escola e a família. Para Deleuze, os confinamentos da disciplina eram moldes produtores de subjetividades, ao passo em que os novos controles são uma “modulação”, isso é, uma moldagem que pode ser transformada continuamente, produzindo a situação flexível da subjetividade pela chave do controle (DELEUZE, 1996, p. 221). As antigas instituições, como a fábrica, o hospital, a prisão e a escola se transformaram em empresas, modificando a gramática que havia sido produzida pela velha sintaxe disciplinar. Se na sociedade disciplinar o corpo e a vida foram matéria farta para o exercício da disciplina e do biopoder, a sociedade de controle irá também tomar o corpo como substrato de sua ação. Se, por um lado, a sociedade disciplinar já transbordou os seus limites, por outro lado há toda uma intensificação dos controles sobre o corpo, os quais podem ser interpretados pela noção de controle, de Deleuze, e pela atualização das próprias noções foucaultianas de biopolítica e disciplina.

Tomemos a primeira formulação do conceito de biopolítica enquanto mecanismos de governo visando o cuidado para com a vida de determinadas populações (FOUCAULT, 1999). Em um mundo marcado por novas modalidades de controle tecnológico, essa formulação se atualiza na medida em que este mundo busca insistentemente seus inimigos internos e seus “outros”, visando eliminá-los ou fagocitá-los. Em formulações posteriores sobre a biopolítica, Michel Foucault nos apresentaria um conjunto de

novos elementos que permitem outras aproximações. No curso de 1979, *Nascimento da Biopolítica*, ao analisar o conjunto de teorizações econômicas que produziram o chamado neoliberalismo, Foucault introduziu o conceito de “capital humano” (FOUCAULT, 2004). A partir dessa nova formulação, o sujeito sujeitoado por meio das práticas institucionais acabou por dar lugar a um novo produto subjetivo oriundo das novíssimas relações com um conjunto de procedimentos culturais e econômicos que o autor denominou de mercado. Para Foucault, esse novo sujeito, um “sujeito econômico ativo”, deverá produzir-se a si mesmo por meio das novas tecnologias informacionais, nutricionais, educativas e físicas, que configurarão a ampliação das suas capacidades corporais e cognitivas de maneira a tornar esse sujeito um empreendedor de si mesmo (FOUCAULT, 2004, p. 232).

A partir de agora, o processo educacional não mais representará uma lenta, detalhada e exaustiva jornada disciplinar, na qual cada detalhe é corrigido ao mesmo tempo em que se produzem as hierarquias e exclusões. Ao contrário, a educação deverá ser tomada agora como empreendimento cuidadosamente analisado pelas famílias e pelo próprio sujeito. O novo *homoeconomicus*, como o denominou Foucault, deverá ser o resultado de investimentos familiares e educacionais na infância e na juventude, assim como também o resultado de intervenções no campo da saúde e do corpo, as quais determinarão, além da aquisição de novas competências necessárias para os novos tipos de trabalho, também o prolongamento da saúde e da juventude desse novo corpo. Nessa perspectiva empreendedora, a saúde e o corpo, além da educação escolarizada e profissional, se reorganizam com o objetivo de produzir o “capital humano” dotado de um belo corpo, excelente saúde juvenil e habilidades informacionais e cognitivas extraordinárias.

Conjugada à produção de novos sujeitos, as novas tecnologias de gerenciamento da vida e do corpo são corolários de transformações profundas na forma de produção de conhecimento sobre a vida. Com o advento da biologia molecular e das biotecnologias, o conceito de vida se deslocou para uma ideia de codificação a ser desvendada e o DNA se tornou a chave de significação da vida. A partir dessa nova apreensão da vida, o corpo passou a ser tomado como a decorrência de um conjunto de informações que devem ser melhoradas e reproduzidas (SIBILA, 2002). O governo dos corpos se transformou em um processo individualizado de gestão e administração do corpo saudável, entendido aqui como magro, leve, ágil e flexível. Essa nova gestão da vida se dá por meio de uma alimentação cientificamente balanceada, exercícios físicos controlados, o controle do

estresse e o estímulo da felicidade (SOARES, 2008b). A ideia do risco para a saúde e para o corpo torna-se central na contemporaneidade, tomando contornos biopolíticos fundamentais. O corpo, que já era o suporte e o produto da matéria disciplinar, convoca agora novas modulações biopolíticas (ORTEGA, 2008; FRAGA, 2006). Estabelece-se uma operação de substituição em relação à observação dos sujeitos e suas práticas sexuais, antes lugar privilegiado de produção da subjetividade normalizada, ocupado agora quase completamente pelo regramento das práticas alimentares, que, por sua vez, produzem novos sujeitos. As práticas da alimentação saudável como forma de produção subjetiva, diferentemente da antiga ênfase na sexualidade, que necessitava exclusivamente dos princípios da disciplina, dependem de um conjunto de normas moduladoras atribuídas ao sujeito tanto por meio das instituições disciplinares, como a escola, quanto também na ausência de tais instituições, por meio das determinações do mercado. Essa concepção de modulação biopolítica pode ser observada, por exemplo, nas inúmeras capas de revistas que trazem títulos de matérias sobre emagrecimento sob o título *só e gordo quem quer*. Agora, em grande medida a decisão entre ser magro ou gordo é uma decisão subjetiva e individual; todavia, se a decisão correta não for tomada todos serão punidos, pois a saúde se deteriora e os gastos com a saúde pública serão inúmeros, etc. Assim, a decisão individual que diz sobre o caráter, a força de vontade, a preguiça, a indolência e a incapacidade de resistir a uma comida repleta de gordura, diz também a verdade do sujeito, sobre o qual intervêm políticas públicas e enunciados mercadológicos diversos. Francisco Ortega definiu essa nova determinação biopolítica sobre o corpo magro e saudável como uma bioescase. Nessa perspectiva, a comida vem ocupando um lugar central nas novas preocupações biopolíticas, lugar antes ocupado pelo sexo. Para Ortega: “O tabu que se colocava sobre a sexualidade descola-se agora para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. Os tabus passam da cama para a mesa. O glúten sente-se com frequência mais culpado que o adúltero” (2008, p. 41).

A escola contemporânea não passa à margem desse novo processo biopolítico. Desde o início da década de 1990, a instituição escolar vem tentando esboçar um novo sentido para si, em virtude da crise das instituições disciplinares. Ao longo das últimas décadas observamos um vasto processo de reformas que atingiram os sistemas educacionais no mundo todo. Vimos a escola se transformar de instituição disciplinar para as modulações da pedagogia do controle, posto que os dispositivos disciplinares

que a instituição no século XIX já não produziam significados eficazes no campo da produção das subjetividades. Ao analisarmos alguns sentidos contemporâneos da instituição escolar, pode nos ocorrer que essa instituição ainda não tenha encontrado o seu lugar na contemporaneidade: afinal, por um lado, nela permanecem os persistentes artefatos disciplinares, como currículos, grades curriculares, exames, boletins, cartelas enfileiradas e professores e professoras que clamam por mais disciplina nas salas de aula, etc., elementos aparentemente tão anacrônicos na produção das subjetividades contemporâneas. Todavia, por outro lado, também percebemos a entrada em cena de novos temas e problemas que passam a habitar e colonizar definitivamente os velhos programas curriculares, tais como a ética, o consumo, o meio ambiente, a sexualidade, as relações étnico-raciais, as relações de gênero e as questões alimentares, temas que não guardam qualquer semelhança com os artefatos educacionais instituídos ao longo dos últimos séculos (CÉSAR, 2004). As reformas educacionais das últimas décadas, além de demonstrar a presença cada vez mais frequente de projetos distintos de instrução elementar, acabam por demonstrar o novo papel da escola no mundo contemporâneo, muito mais próximo das novas configurações contemporâneas que versam sobre o corpo, a sexualidade, a saúde e as formas auto-emprededoras de subjetivação. Isso significa que a instituição escolar permanece sendo um palimpsesto de práticas disciplinares, biopolíticas e de controle, as quais visam produzir corpos compatíveis com as condições do mundo contemporâneo.

Especialmente desde a última década, a boa forma e o corpo magro começaram a tomar um lugar importante nas preocupações escolares. Ainda que a saúde nunca tenha deixado de ser um foco importante das preocupações escolares, percebe-se agora um deslocamento mais incisivo para a ideia de produção do corpo magro e saudável, a despeito das ações de medir e pesar os corpos terem sido constitutivas das pedagogias higienistas no decorrer dos séculos XIX e XX (SOARES, 2008a, p. 76). Todavia, a autora também enfatiza que na escola contemporânea essa mensuração será atualizada por meio de transformações científicas e tecnológicas, aliadas a uma preocupação crescente com a juventude, a saúde e a obesidade. Desse modo, os novos programas educacionais, que venho denominando de pedagogias do *fitness*, tomam as medidas corporais de crianças e jovens no interior da escola e instauram o dispositivo do “novo higienismo”, segundo a terminologia de Carmen Soares (2008, p. 83). Redefinidos os novos parâmetros relativos à magreza e à saúde, esse “neo-higienismo”

será a tônica dos programas escolares contra a obesidade infantil. Na escola, tomam-se agora medidas de cintura, abdome, coxas, peitoral, calcula-se o IMC e se realiza a temível equação sobre a circunferência abdominal, de maneira idêntica àquela operada por academias de ginástica, consultórios médicos e de nutricionistas.

Os especialistas saem de seus consultórios, gabinetes, centros de pesquisa e partem rumo à instituição escolar em uma cruzada contra a obesidade na escola: o lema é “fechar o cerco”. Aferições, exercícios, novas merendas e, sobretudo, um novo estilo de vida, magro e saudável, constituem o tema da nova pedagogia do corpo. Desse modo, instrumentos de medida, velhos e novos, re-habitam e re-significam o interior da instituição escolar, produzindo aquele que talvez seja o novo “mau-aluno”, o “aluno obeso”. A obesidade será agora o novo lugar da indolência e da falta de caráter no interior da escola, e todo um aparato biopolítico induzirá a produção de novas políticas públicas para o controle das medidas, em nome da saúde física e moral da população escolar. Novas formas de proporcionar a alimentação no interior da escola são observadas, pois essa deve ser balanceada e estabelecer a diferença entre as crianças “normais” e as “obesas”, as quais recebem lanches acondicionados em caixinhas de cores diferentes.¹

Ademais, os novos postulados sobre o corpo saudável na escola visam uma transformação de maior amplitude. Constatando-se a obesidade em crianças cada vez mais jovens no interior da instituição escolar, as crianças se convertem em emissárias da boa forma, isso é, em multiplicadoras das boas maneiras à mesa, isso é, do novo estilo de comer. Talvez se encontre aí a equação entre biopolítica enquanto controle público da alimentação por meio da instituição escolar e as novas figuras biopolíticas do empreendedorismo neoliberal de si mesmo, centrado na produção de si enquanto produção de um corpo magro (SOARES, 2008b). Não importa mais se a comida será saborosa, importa que a refeição seja balanceada, essa sim a chave dos procedimentos alimentares nesse novo universo biopolítico. Quando os especialistas projetam “fechar o cerco” contra a obesidade escolar, isso significa um conjunto de medidas que vão desde detecção do “mal” até à prática de exercícios físicos e a aquisição de novos hábitos

¹ As escolas da Rede Municipal de Curitiba recebem a merenda escolar proveniente de uma empresa do ramo da alimentação industrial e as refeições são distribuídas conforme as “necessidades” calóricas das crianças.

alimentares em nome da saúde das crianças e de suas famílias, que também serão beneficiadas por esse novo saber-conversão adquirido na escola. Todavia, tais medidas escolares provocam uma série de reações que vão do grande desconforto em relação à balança ao choro como reação ao leve beliscar do adipômetro, pois aquilo que resulta dessa cruzada é o antigo ato de classificação, nomeação e evidência da “criança obesa”. Nessa lógica, a nova anomalia escolar deixará de ser a criança indisciplinada, pois essa já pode ser farmacologicamente tratada e sedada, para recair sobre a criança obesa, que, renitente às investidas pedagógicas, deverá ser o novo alvo da medicalização. Esse novo contingente de pessoas gordas e obesas, resistentes às políticas de saúde e à prática de exercícios, constituirá um peso econômico para o Estado, pois, segundo a lógica de saúde, elas certamente contrairão graves doenças em virtude da sua fraqueza de caráter, defeito de personalidade e debilidade da vontade. Em uma palavra, é de se esperar que esses novos “outros” constituirão alvos legítimos da repulsa moral e do ostracismo social.

Como contraponto às pedagogias do *fitness*, ao neo-higienismo e à bioascese que vêm produzindo os regimes contemporâneos de verdade sobre o corpo, apresento duas propostas que podem fazer desmoronar os muros do nosso fascismo contemporâneo. Intervento com duas obras sobre o volume e a superfície corporal. A primeira é a obra-instalação *A classificação científica da obesidade*, de Fernanda Magalhães (2006), e a segunda é o conto *A mulher ilustrada*, de Ray Bradbury (1983). Ambas as intervenções podem nos proporcionar uma reflexão sobre outros possíveis significados do corpo contemporâneo. A obra de Fernanda Magalhães é uma resposta no mínimo inusitada à abordagem médica sobre a obesidade, que classifica os corpos a partir da equação que obtém o temível IMC – índice de massa corporal. Já o conto de Ray Bradbury narra a aflição de Emma Fleet diante do médico, solicitando que esse lhe indique um caminho para que ela possa aumentar ainda mais a já volumosa superfície do seu corpo.

A classificação científica da obesidade da artista plástica Fernanda Magalhães, utiliza os contornos de corpos gordos e volumosos. Ao dizer não aos controles contemporâneos sobre os corpos, Fernanda produz uma arte que liberta, gerando uma vida menos fascista. Nessa obra, a artista captura o discurso médico que insiste em dissertar sobre os riscos da gordura corporal para a boa saúde, a boa forma e a felicidade. Trata-se da fala biopolítica que define e classifica a saúde, a beleza, a leveza e a agilidade, ao mesmo

tempo em que também condena os corpos em meio à abundância pastosa da gordura. Em resposta, a artista captura e antropofagia o discurso médico ao construir uma obra-instalação com corpos gordos. O discurso médico afirma – “tem que cortar a gordura” – e Fernanda responde, retirando com sua tesoura de artista a gordura do interior dos corpos. As formas criadas “escapam” e se constituem como figuras de resistência, como linhas de fuga, como formas libertárias que riem do siso do olhar do médico-científico sobre a saúde, a boa forma e a beleza dos corpos. A artista fotografa os corpos gordos, amplia as imagens e depois recorta o interior desses corpos, deixando apenas as silhuetas ocas. Fernanda corta a gordura, os ossos, as carnes, as veias e todo risco e perigo. Os corpos reduzidos aos seus contornos flutuam plenos de vazio, sem peso, suspensos por fios de nylon no teto das galerias. São formas que riem das certezas médicas, embaralhando definições sobre tamanho, leveza, agilidade, volume e peso, para que nós, visitantes desses corpos, possamos nos alojar em suas resistências. Os contornos gordos de Fernanda traduzem a ficção da ausência de carnes e órgãos e se apresenta como realização de um “corpo sem órgãos” que atingiu o peso de uma pluma (DELEUZE; GUATTARI, 1996). São corpos que se cansaram dos órgãos e querem licenciá-los, ou, antes, perdê-los. São corpos contrários ao organismo. Os corpos de Fernanda Magalhães são aqueles que, ao se dobrarem, se abriam para a experimentação; são, como nos propôs Foucault, a produção de nós mesmos como obra de arte.

Em *A mulher ilustrada*, de Ray Bradbury, o corpo de Emma Fleet é uma experiência sobre a extensão da superfície. Emma, com o seu corpo de duzentos e um quilos, quer aumentá-lo ainda mais, e procura o Dr. George C. George. Em princípio sem entender exatamente o que quer Emma, o médico a adverte sobre o pouco sucesso da medicina psiquiátrica, sua especialidade, em diminuir o apetite de pacientes obesos. Todavia, Emma não deseja emagrecer, ao contrário, pede ajuda para aumentar mais cinquenta ou cem quilos. Emma narra ao médico a sua vida insofista antes e depois do seu casamento com o pequenino Sr. Willy Fleet. Eles se conheceram em uma feira na qual ele oferecia a brincadeira “adivinha seu peso”, a qual, na verdade, era a sua forma de buscar a mulher perfeita, isso é, uma mulher muito gorda. Durante a brincadeira, o Sr. Willy gritava de alegria: “Cento e quarenta e cinco quilos [...] a senhora é adorável [...] A senhora é a mulher mais adorável do mundo inteiro” (BRADBURY, 1983, p. 128). Uma semana depois de tamanho entusiasmo, Emma e Willy estavam casados. Da noite de núpcias em diante, Willy,

com suas mãozinhas pequeninas, desenhava no corpo de Emma, tatuando cada milímetro daquela enorme superfície corporal. Após oito anos de felicidade, com a obra completa, para Emma a felicidade chegara ao fim. Emma e Willy necessitavam de mais superfície para a continuação da obra e da felicidade. Ao fim da narração, Emma desata o casaco e mostra a obra ao Dr. George. O corpo de Emma continua liso e branco como um mármore. Ao ver o corpo liso de Emma a sugestão do médico é apagar a obra e reiniciá-la todas as vezes que essa for concluída, isso é, quando já não houver mais superfície para ser desenhada. Para Emma e Willy a solução é um milagre. A cada oito anos, Willy e Emma terão novamente uma superfície em branco para construir sua obra. Desenhar imagens invisíveis no volumoso corpo e ter o corpo desenhado poder ter inúmeros significados. Entretanto, quaisquer que sejam as interpretações possíveis para essa narração, temos o enorme corpo de Emma e as possibilidades abertas para uma obra em construção. Para finalizar, lembro que o sobrenome de Emma não por acaso é *Fleet*, que, no inglês, como adjetivo, significa ligeiro e rápido, e como verbo significa mover-se de maneira rápida.

Os corpos gordos de Fernanda Magalhães e Emma Fleet zombam das verdades médicas e pedagógicas, pois são leves, podem flutuar no espaço, e são rápidos ao moverem-se para além dos muros que cercam nossas parcas possibilidades contemporâneas de resistência e criação.

Referências

- BRADBURY, Ray. A mulher ilustrada. In: *As máquinas do prazer*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 125-137.
- CÊSAR, Maria Rita de Assis. *Da escola disciplinar à pedagogia do controle*. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação/UNICAMP, 2004. Tese (Doutorado em Educação).
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Trinta e Quatro, 1996.
- DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 3ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1984a.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade v. I: A vontade de saber*. 5ª. Edição Rio de Janeiro: Graal, 1984b.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Gallimard, 2004.

FRAGA, Alex Branco. *Exercício da informação: governo dos corpos o mercado da vida ativa*. Campinas: Autores Associados, 2006.

MAGALHÃES, Maria Fernanda. Classificações científicas da obesidade In: *[Anais-CDRoom] Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2006.

ORTEGA, Francisco. *O corpo inerte: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: RAGO, Margaret; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. 2ª. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008a. p. 75-85.

SOARES, Carmen Lúcia. A educação do corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA-FILHO, Alípio. (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b. p. 69-91.

VEIGA-NETO, Alfredo. As crianças ainda devem ir à escola? In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 9-20.